

João Duque
jduque@iseg.ulisboa.pt



Semana de pérolas. Esta semana o ministro das Infraestruturas afirmou que a TAP “é do povo português” quando se referiu aos €582 milhões de prejuízos apurados só na primeira metade de 2020! Mas para acalmar as hostes o senhor ministro acrescentou: “Se conseguirmos que, a prazo, a TAP recupere e possa gerar receita também dará receita a todos os portugueses.” Pronto. Ficámos descansados: se agora dá prejuízo (que vos vai ao bolso), no futuro, se der “receita” vai ser de todos!

Senhor ministro, olhe que receitas não são lucros!... E convinha saber que as empresas não distribuem receitas. Distribuem lucros. Se os gerarem! Confundir receitas com lucros para quem tem as responsabilidades que o senhor tem fica

“Confusion de Confusiones” PÉROLAS

mal e deixa os portugueses preocupados. Saiba que as receitas fazem face às despesas e não se “darão” mesmo com lucros. Receitas, sempre a TAP as teve... O que não teve foram lucros ou o menor vislumbre de os vir a ter.

Esta semana soube-se que a Secretaria-Geral do Ministério da Defesa Nacional, preocupada com a utilização do género masculino para designar as pessoas de ambos os sexos, emitiu um longo texto a “ensinar” como se escreve português. Talvez pudessem ter começado por escrever sem erros, pois cometeram o embaraçoso equívoco de confundir “a final” com “afinal”: “A final, uma imagem vale mais que mil palavras...” A final? Qual? A da Liga dos Campeões?

António Costa garantiu que não vamos solicitar (mais!) empréstimos à União Europeia para financiar a nossa recuperação económica. Quem ouvir esta declaração pensará que não precisamos deles. Contudo, a verdadeira razão pela qual não devemos pedir mais dinheiro emprestado reside no simples facto de que não temos espaço para mais. Durante os anos an-

teriores o Governo anterior não quis amortizar rapidamente a dívida. Com a crise pandémica já aumentámos a dívida pública €11.300 milhões desde o fim de 2019 até ao fim de agosto passado. Um contador que está a marcar à razão de um aumento de €2 milhões à hora! Com a descida prevista do PIB na ordem dos 8% a 10% a dívida pública portuguesa explodirá para uns perigosos valores a rondar os 140% do PIB. A esses níveis os credores começam a ficar seriamente preocupados com a solvência da mesma. Ter uma almofada a quem recorrer em caso de necessidade é bom, mas para isso há que voltar a aceitar todas as condições que os credores nos queiram impor.

Ter uma almofada a quem recorrer em caso de necessidade é bom, mas para isso há que voltar a aceitar todas as condições que os credores nos queiram impor